

Victoria Van Tiem

Um
AMOR
de **CINEMA**

Tradução
Débora Isidoro

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2014



VERUS
EDITORA

Em cartaz

1	<i>Zuase trinta, linda e florescendo</i>	9
2	<i>Pavor à segunda vista</i>	22
3	<i>A verdade nua e crua</i>	39
4	<i>Sintonia de amargor</i>	52
5	<i>Vestida para arrasar</i>	65
6	<i>Ligeiramente enrolada</i>	82
7	<i>Uma linda confusão</i>	92
8	<i>Como perder a cabeça em cinco dias.....</i>	104
9	<i>Meu adorável ex-namorado.....</i>	115
10	<i>Conselhos de casamento da minha melhor amiga</i>	126
11	<i>Uma linda sinfonia</i>	142
12	<i>Kenzi Shaw: no limite da razão</i>	151
13	<i>Ritmo perigoso</i>	159

14	<i>Os delírios cinematográficos de Kenzi Shaw...</i>	172
15	<i>Armações fracassadas.....</i>	185
16	<i>Enquanto você traía.....</i>	198
17	<i>Gatinha e gatão.....</i>	207
18	<i>Confusão a toda prova.....</i>	218
19	<i>Guerra é... ..</i>	229
20	<i>Cinismo para você.....</i>	237
21	<i>Digam alguma coisa.....</i>	248
22	<i>Quatro xingamentos e um chá.....</i>	259
23	<i>Finalmente amor.....</i>	270
	Epílogo Shane & Kenzi: feitos um para o outro....	282
	Estrelas da vida real.....	293



Quase trinta, linda e florescendo

QUANDO EU TINHA NOVE anos, demiti minha mãe. Simplesmente escrevi “Você está demitida”, em letras vermelhas e brilhantes. Também desenhei uma margarida sorridente e um sapo.

Tudo bem, a flor estava demitindo o sapo, e as palavras foram escritas em um balão de quadrinhos sobre a cabeça dela. Mas, olhando com atenção, você veria o colar favorito de mamãe no pescoço do sapo.

Aquela foi minha estreia na sátira.

Infelizmente, não chamou a atenção de minha mãe. Ela jogou o desenho na gaveta da cozinha, com todos os outros: o pinguim que copiei de uma foto, o gato a que dediquei dias para conseguir fazer direito, até a borboleta com a anotação, na caligrafia da minha professora de arte: “Maravilhoso, que talento!”

Hoje, porém, não tenho de me preocupar com a atenção de minha mãe. O anel de diamante em minha mão praticamente garante isso. Bradley é um partidão. Loiro, forte e refinado, e quer se casar comigo. Serei a sra. Kensington Connors. Tremo por dentro só de pensar nisso.

Então, por que estou tão nervosa? Bradley me surpreende admirando o anel, sorri para mim de um jeito reconfortante e segura minha mão quando abre a porta da frente. Ele sabe como fico ansiosa perto de mi-

nha família e como estou animada para finalmente mostrar a eles o anel e começar a planejar o casamento.

Vamos para a cozinha, onde minha mãe e Ren estão cozinhando. O aroma de coisas muito doces invade de maneira intensa meu olfato. Tento ignorar o sentimento incômodo e familiar. Em vez de uma mulher de vinte e nove anos, sou outra vez uma menina de treze, desesperada pela aprovação delas.

— Oi — falo com um sorriso nervoso. Bradley beija o rosto de minha mãe e acena para Ren. Depois, pisca rapidamente para mim antes de ir para a sala de estar, onde meu pai e meu irmão, Grayson, falam tão alto sobre o sistema de saúde que consigo ouvir trechos da conversa.

Minha mãe deixa de lado a tigela de massa e limpa as mãos no avental.

— Aí está ela! Não a vemos nunca, não é, Ren? — ela diz, como se eu fosse uma visitante, não alguém que cresceu naquela casa. E vem me abraçar.

— Oi, mãe. — É um abraço rápido. Percebo que ela escolheu o vestido tubinho Jackie O casual e que o protege com um avental chique-desgastado, e Ren... uau, veste quase a mesma coisa. São como mãe e filha gêmeas. De repente, sinto ciúme. Quero gritar: *Arrume sua própria mãe!*, mas sei que ela perdeu a mãe quando era jovem, e eu deveria entender.

— Oi, Kensington, você está ótima — Ren me cumprimenta com um sorriso contido. Nada de abraço. Ela olha minha bolsa nova da Coach. Aquela que comprei depois de muita economia. — Vi que essas bolsas foram lançadas. Parece que todo mundo já tem. Estou de olho no modelo novo da Burberry.

Sorrio e assinto, num gesto de cabeça, reconhecendo que ela ainda reina, suprema.

— Então, vamos ver. Mostre. — Mamãe aponta para minha mão.

Sinto a vitória inflar-me o peito; uma pequena vitória no horizonte para o Time Kenzi. Sim, infelizmente estou contando. Até agora não consegui ficar na frente. O placar geral é mais ou menos este:

Time Ren: duzentos e setenta e cinco.

Time Mamãe e Papai: perdi a conta.

Time Grayson: quarenta e cinco, exatamente. Porém, desde que estou com Bradley, ele parece menos crítico.

Time Kenzi: quatro. Incluindo hoje.

Quatro pontos para uma vida inteira em segundo lugar. Fiz parte da corte do baile do colégio, mas não fui a rainha. Formei-me entre os dez primeiros alunos da sala, mas não fui a oradora da turma, como Grayson. Sou diretora de criação em uma importante agência de publicidade, mas minha profissão não é tão séria quanto a medicina. Meu pai, Grayson e Ren são todos médicos.

Minha primeira vitória real foi quando levei Bradley para conhecer minha família. Eles o idolatram. Na verdade, ele se ajusta muito melhor que eu a este grupo de imitadores dos Kennedy. O segundo ponto foi completar um ano com ele. O terceiro ponto foi marcado na semana passada, quando Bradley e eu ficamos noivos. E, agora, o superanel certamente vai marcar meu quarto ponto.

Estendo a mão de modo que a luz que entra pela janela da cozinha ilumine o anel, criando o brilho perfeito.

Ren segura minha mão para olhar mais de perto.

— Ah! É fantástico, Kensington. O Bradley é bom demais com você.

O que ela quer dizer, na verdade, é que Bradley é bom demais *para* mim. Neste exato instante, eu me orgulho de Bradley por ele poder comprar uma joia de qualidade tão indiscutível e por ter um gosto tão refinado. Não importa se não combina com meu gosto pessoal. É da Tiffany's, é enorme e atende a todos os requisitos.

Ren faz careta.

— Ah, você devia fazer as unhas. Sua mão agora chama muita atenção, é melhor não estragar tudo com cutículas malfeitas. O Bradley merece esse capricho.

Ding. Time Ren: duzentos e setenta e seis.

Ela enfia a mão na bolsa, pega um cartão e o oferece a mim.

— Telefone e marque hora com a Cindy. Ela é fabulosa.

— É mesmo, acabamos de ter um dia de mocinha, está vendo? — Agitando os dedos, minha mãe exhibe as unhas brilhantes e rosadas.

Percebo que Ren usa a mesma cor de esmalte.

Dia de mocinha. Sem mim.

Admiro as unhas feitas e sorrio.

— Ficaram ótimas. Vou telefonar. Então, o que acha, mãe? O Bradley acertou, não? — pergunto, tentando reforçar minha vitória. É patético, eu sei.

— Ah, sim, querida. O Bradley escolheu maravilhosamente bem. — Sorrindo, minha mãe pede para Ren ir buscar mirtilos na geladeira e se concentra novamente na massa.

— Precisa de ajuda? — pergunto, me sentindo um pouco deslocada. — Quer que eu arrume a mesa ou separe os pratos?

— Não, transformamos essa etapa em uma ciência, não é, sogrinha? — Ren dirige a minha mãe uma caretinha, franzindo o nariz.

Por um momento, fico ali parada, mexendo no meu anel. Acho que é isso. O primeiro round do brunch de domingo dos Shaw está oficialmente encerrado. Tenho certeza de que falaremos sobre os planos para o casamento durante o almoço. É claro que sim. Não vou deixar que joguem essa etapa em uma gaveta, de jeito nenhum.

Por que não fiz as unhas?

Subo a escada para meu antigo quarto, que foi completamente desmontado e agora é o estúdio de scrapbook de minha mãe. Uma grande mesa quadrada de projetos foi construída para parecer uma peça da Pottery Barn, mas muito maior, com milhões de gavetas e nichos, cada um ocupado por diferentes letras adesivas e enfeites. O único resquício de mim que ainda resta no quarto se encontra, agora, na prateleira de cima do armário, em uma caixa fechada e rotulada: “Kensington”.

Suspirando, pego o celular e clico no aplicativo do Facebook. Estou sempre espiando o telefone para ver o que as pessoas postam. Depois, comparo tudo o que vejo com as coisas que estou fazendo, ou não, e

isso me faz pensar no que eu deveria estar fazendo. A questão é que... acabo não fazendo nada diferente. Só perco horas da minha vida fazendo isso.

Como só havíamos informado nossas famílias sobre o noivado por telefone, esperei até hoje para anunciar a novidade oficialmente no Facebook. E a espera está me matando.

Duas novas solicitações de amizade. Clico no ícone e aceito a primeira, uma garota que conheço da academia. Congelo ao ver a segunda solicitação. *Não creio.* Aproximo o telefone dos olhos, encarando a foto pequenina. Meu peito fica apertado. Não pode ser. Ai, meu Deus. *É.*

É Shane.

Shane Bennett.

O mesmo Shane Bennett que partiu meu coração depois de quatro anos juntos. E agora ele quer ser meu amigo?

Sério?

A emoção desabrocha em meu peito. Nada de lágrimas, porém. Deramei lágrimas por ele às centenas, talvez aos milhares. O que sinto agora é só um eco da dor que surge cada vez que tropeço em alguma lembrança dele. Sombras daquela que senti um dia.

Ele se mudou da Inglaterra para o Meio-Oeste dos Estados Unidos, veio morar com os avós e cursar o ensino médio, e ficou para fazer faculdade. Foi lá que nos conhecemos. Não lembro por quê, mas começamos a conversar e nunca mais paramos. Estávamos sempre juntos. Ele era toda atitude e cabelo bagunçado. Eu adorava o cabelo dele.

Foi meu primeiro amor de verdade. Meu primeiro sofrimento de verdade. Meu primeiro *tudo* de verdade.

Olho para a caixa no armário. O rótulo deveria ser "Kensington e Shane". Cada cartão que trocamos e todas as pequenas recordações estão guardados ali. Eu me aproximo, fico na ponta dos pés e cutuco a caixa até conseguir segurá-la e puxá-la para baixo. Dentro dela tem uma foto que estou desesperada para ver. Ela ficava sobre meu criado-mudo, em um porta-retratos; é assim que me lembro dele.

Coloco a caixa sobre a mesa de projetos e removo a tampa lentamente, como se as lembranças guardadas ali pudessem fugir de alguma forma.

Remexo o conteúdo, procurando. Há pilhas de cartões amarradas com barbante. Encontro uma munhequeira de tecido atalhado. Pego-a, aproximo-a do nariz e cheiro. O perfume dele desapareceu há muito tempo, mas a lembrança de ter usado a munhequeira para dormir ainda é forte. Guardo-a e continuo remexendo as fotos.

Comprimo os lábios numa linha fina quando a vejo. Shane apoiado na parede, a gola levantada e o bloco de desenho na mão abaixada. Aquele é o rosto para o qual eu dizia boa-noite, o que me recebia de manhã e do qual senti falta durante tanto tempo.

Olhando para a velha foto e o retrato do perfil do Facebook, eu os comparo. O mesmo cabelo escuro e ondulado. Os mesmos olhos cor de mel. O mesmo Shane.

Está mais velho, mas é ele. Definitivamente ele.

Um suspiro pesado me brota do peito. Por que ele não me disse que era tudo mentira? Eu teria acreditado. Eu queria que as coisas continuassem como eram. Queria Shane. Mas ele não falou nada, só que sentia muito. E que não podia explicar porque...

— Kenzi? — É minha tia Greta.

— Estou aqui — respondo, jogando a foto dentro da caixa e recolocando a tampa. Prontamente a fecho e devolvo à prateleira.

— Sabia que te encontraria aqui. A comida está na mesa.

Ela veste calça jeans escura e uma túnica branca e larga. Um colar turquesa realça o azul dos olhos e o vermelho dos cachos, coloridos recentemente.

— Gostei do cabelo — comento sorrindo e apago a tela do celular. Tia Greta ajeita os cachos na altura dos ombros.

— Sua mãe odiou. Ela diz que chama muita atenção.

Levanto uma sobrancelha.

— Não é essa a intenção?

Ela ri, uma risada afetuosa e profunda.

— É um bônus.

Não sei se ela considera um bônus incomodar minha mãe ou chamar atenção. Provavelmente, ambas as coisas. Tia Greta é considerada a ovelha negra, a não convencional, porque não se incomoda com o que os outros pensam. Está um degrau abaixo de mim, que sou a que nunca faz nada certo, mas pelo menos tenta, de acordo com a hierarquia da família Shaw.

Tia Greta toma minha mão para avaliar o anel e assobia.

— Uau. Isso deve ter custado uma fortuna. Qual foi a reação de Ren-son?

Tia Greta é a única que sabe do apelido que uso para me referir à superdupla Ren e Grayson. Faço uma careta e sufoco uma risada.

Ela sorri.

— acredite, na próxima vez que a virmos, ela terá mandado acrescentar mais pedras à aliança dela. — E solta minha mão, indicando a porta com um movimento de cabeça. — Venha, vamos começar logo com isso.

Caminho atrás dela e pego o celular outra vez. Ainda não sei por que Shane faria contato comigo agora, depois de tanto tempo. *Espera*. A solicitação de amizade sumiu.

Cadê a solicitação?

Um nó se forma em meu estômago. Toco o ícone do aplicativo para abrir meu mural. A última notificação informa: “Kenzi Shaw começou uma amizade com Shane Bennett e mais uma pessoa”. *O quê?*



O mais recente garotão da tia Greta se chama Finley. Parece legal, mas não me esforço para tentar conhecê-lo, porque ele não estará presente na próxima reunião familiar. Ele demonstra interesse demais em Ren, que ignora educadamente as perguntas intermináveis sobre sua cultura.

— A Ren é de Chicago, Fin — diz tia Greta, lançando-lhe um olhar severo de “já chega”.

— Como vão as coisas no hospital, Grayson? Conseguiu usar o vídeo 3D para ajudar na toracoscopia? — pergunta meu pai, enquanto acrescenta molho picante aos ovos.

Grayson se detém, mantendo o prato vazio no ar.

— Sabe, eu usei o equipamento na semana passada. É uma ferramenta eficiente. Vou sugerir o investimento à diretoria.

— Bom, bom — responde meu pai, e passa para Ren algo semelhante a panquecas de linguixa. — Alguma coisa animadora na pediatria? — pergunta a ela ao puxar o prato de volta.

— Ah, sempre tem alguma coisa interessante quando trabalhamos com crianças — Ren comenta, sorridente.

Papai faz um gesto de aprovação com a cabeça, come mais um pouco e olha para Finley.

— Então, Finley, o que você faz?

Bradley põe mais duas linguixas no prato e recusa as panquecas que minha mãe tenta servir.

— O Bradley não come carboidrato, mãe — eu lembro.

Finley alinha as costas e pigarreia.

— Sou da área de vendas. Agora, telefones. Sempre trabalhei vendendo alguma coisa.

— Bom, bom — responde meu pai. — O Bradley é gerente de vendas na Safia, no centro da cidade, a maior agência de publicidade em Indianápolis. Ele cuida de todas as minhas compras de mídia. — Papai tem um spa clínico aqui no Village, onde é possível aplicar botox, fazer preenchimento labial e marcar consultas para cirurgia plástica, tudo no mesmo lugar. Não entendo bem que eles se orgulhem tanto de Bradley por seu emprego, mas que o meu, de diretora de criação, seja considerado frívolo. Trabalhamos na mesma agência, ambos em cargos importantes.

Bradley assente e balança o garfo para enfatizar o que diz.

— Isso me lembra, tenho alguns números organizados para aquele horário vespertino do Canal 6 sobre o qual falamos.

Espero Bradley terminar de falar sobre os horários em que donas de casa com 2,3 filhos em escolas particulares e com rendimento acima

de seis dígitos assistem à televisão. Sorrio e movo a cabeça, concordando com tudo, mas por dentro estou fervendo de agitação, ansiosa para discutir nossos planos de casamento.

Tia Greta pisca para mim e interrompe o discurso monótono de Bradley.

— Kensington, vocês já marcaram a data?

Todo mundo olha para mim. Eu me animo. É minha vez. *É isso.* Meu estômago dá um pulo.

Bradley segura minha mão e sorri ternamente.

— Ainda não temos nada definido, mas na primavera, talvez? O que você acha?

— Talvez — respondo, animada com a ideia. — Na primavera pode ser bem legal...

— Ah! Não consigo mais segurar. Adivinhem o que também vai acontecer na primavera? — Ren dispara, com uma efervescência incomum na voz. — Um bebê! Estou grávida!

— Ah! Ah, meu Deus! — minha mãe grita e se levanta para correr até o outro lado da mesa. Seus braços envolvem Ren e Grayson em um abraço coletivo. — Ela está grávida! Vou ser a vovó Shaw!

Todos gritam e aplaudem. É como em Vegas, quando alguém ganha o prêmio no caça-níqueis.

Ding. Ding. Ding. Ding. Time Ren: duzentos e setenta e sete. Não, trezentos! Quinhentos! São pontos demais para contar. Ela ganhou o grande prêmio!

Meu pai está falando sobre ser chamado de vovô. Grayson explica que não podiam adiar os filhos para sempre, porque Ren já tem vinte e nove anos. Quer dizer, meu Deus, ela tem *quase* trinta. Até Finley aperta a mão de meu pai para dar os parabéns. Mamãe grita, me informando que não tenho tempo a perder, que Bradley e eu deveríamos apressar o casamento para acelerar as coisas.

Tia Greta olha para mim como se dissesse: *Eu entendo, querida.* Forço um meio-sorriso para convencê-la de que está tudo bem. Quer dizer, é claro que estou feliz por eles.

Um bebê.

É o grande prêmio.

Ainda não tenho trinta anos, então dá tempo.

Olho para o meu anel de noivado e imagino um novo cartaz com “Você está demitida” escrito em letras vermelhas de caneta de ponta grossa. Dessa vez, é para minha cunhada. Nada de flores ou sapos para ela. Ela já tem um bebê.



Nós nem falamos sobre o casamento.

Jogo a bolsa sobre a bancada da cozinha, tiro o casaco e abro a geladeira para pegar o vinho. Foi um longo dia. Em vez de me sentir animada e feliz, estou esgotada. Lembranças do brunch dos Shaw, da súbita reaparição de Shane e do grande anúncio de Ren giram em minha cabeça, me deixando tonta.

A garrafa de vinho branco está aberta e gelada, e sirvo a bebida em uma taça. Bradley prefere os de qualidade, mas mantém em meu apartamento um estoque de vinho branco e doce, mais barato, porque sabe que eu gosto. Bebo um gole e me apoio na bancada, deixando o sabor frutado desmanchar o nó que se formou em minha garganta.

Um bebê é uma notícia importante. É o primeiro neto. Tenho certeza de que, quando superar a surpresa do anúncio, minha mãe ainda vai querer discutir o casamento e me ajudar com os detalhes. É claro que vai. Sou sua única filha e há muito para fazer: encontrar um vestido, escolher o lugar... Ainda nem marcamos a data.

Ela gostou do anel.

Levanto a mão para admirá-lo. Por que não gostaria? A pedra brilha e irradia as quatro qualidades fundamentais: pureza, lapidação, cor e quilates. Talvez eu deva incluir mais uma. Loucura. Porque *eu* não gosto dele.

Quer dizer, gosto, mas não é o anel que eu teria escolhido. É tradicional e muito grande. Talvez grande demais. Não contendo um sorriso ao lembrar que Bradley disse que era o que eu merecia.

O anel não importa, de qualquer maneira; é lindo e eu estou feliz. Vou me casar e dar mais um passo para a formação de uma família. Bradley quer muitos filhos, um time de futebol. Eu ficaria feliz com um. Talvez dois.

Pelo menos uma menina.

Olhando para o nada, imagino aulas de balé e recitais de dança. Eu poderia participar, ajudar com os figurinos. Uma vez fiz um tutu para minha boneca com o saiote de um dos meus vestidos. Lembro-me de minha mãe aos gritos porque o vestido era de algum designer famoso. Minha filha vai nascer com cabelo? Bradley nasceu careca, e eu não tinha nem o suficiente para prender um laço. Minha mãe o colava na minha cabeça com fita adesiva.

Ren provavelmente terá uma menina.

Tudo bem. Eu serei a próxima. Tem tempo.

Termino de beber meu vinho e encho a taça novamente. Faço a mesma coisa depois de cada brunch da família Shaw, me torturando com a contagem mental de pontos, a fim de determinar se correspondo às expectativas da minha família. Nunca venço. Não sei por que pensei que hoje seria diferente.

Mais um gole para me fortalecer e caminho até minha mesa, onde me sento e acesso o Facebook.

Distraio-me por quinze minutos inteiros.

Meu coração bate um pouco mais depressa quando digito “Shane Bennett” na caixa de busca. Pequenas faíscas de excitação explodem dentro de mim quando o rosto dele aparece, relacionado entre meus amigos. Todo adulto. *Mas terá ele realmente crescido?* Shane tinha ideias grandiosas, mas faltava a realização. Ele quase nem ia às aulas. Na verdade, eu fazia muitos de seus trabalhos.

Bebo mais um gole e estudo a foto. O cabelo ainda é ondulado e bagunçado, embora mais curto. Uma sombra de barba lhe cobre o queixo. Os lábios esboçam um sorriso.

Meu Deus, ele ainda é lindo. Isso é tão irritante.

O plano diabólico que criei inclui postar várias fotos do meu anel enorme, posts aleatórios sobre como estou incrivelmente feliz e como sou bem-sucedida, e então, depois de alguns dias — preciso ter certeza de que ele vai ter tempo para ver tudo —, encerrar a amizade.

Eliminá-lo.

De novo.

Para sempre.

Adeus.

Sopro uma mecha de cabelo que cai sobre meus olhos. Tonya, uma amiga nossa da faculdade e agora minha colega de trabalho, foi quem descobriu que ele me traía. Eu não queria acreditar, mas, quando perguntei diretamente a ele, seu rosto fez aquela coisa da expressão que não combina com as palavras, e eu soube. Senti.

Depois disso, quando ele tentou explicar, eu me recusei a ouvir. Então ele foi embora para trabalhar na Inglaterra com o pai, e eu fiquei aqui sozinha. Acabou.

Nós acabamos.

Suspiro. *Eu* acabei. Saio do Facebook e ponho o pijama.

Minha cabeça está cheia de bebês e de Shane Bennett. Preciso me acalmar. Amanhã teremos uma apresentação importante no trabalho. Bradley nos quer descansados e prontos. Mas não estou descansando.

Enterro a cabeça no travesseiro e me cubro. Se Bradley estivesse aqui, pelo menos eu estaria aquecida. Ele é como minha fomalha pessoal, e meus pés estão frios. Eu devia ter deixado Bradley ficar, mas disse que não me sentia bem. E não me sinto mesmo. Meu coração foi parar no estômago.

Em *De repente 30*, a personagem de Jennifer Garner, Jenna, quer ter trinta anos e, graças a um pó mágico, acorda e descobre que tem, e que sua vida é tudo o que ela esperava que fosse. Até ir mais fundo e descobrir que as conquistas têm um preço. Mas ela consegue recomeçar.

Onde está o meu recomeço?

Tenho quase trinta anos e minha vida é... *o quê?* Tudo que deveria ser, mas ainda não é boa o bastante. *Eu* não sou boa o bastante. Lutando

contra as lágrimas, olho para o teto. Hoje deveria ter sido um daqueles momentos especiais que a gente lembra para sempre. Deveria ter aquelas cenas de felicidade que vemos no cinema. Uma cena em que o pai não acredita que sua garotinha vai mesmo se casar e a mãe derrama lágrimas de alegria.

Em vez disso, só eu fiquei com as lágrimas, e meu grande momento acabou como a cena excluída de um filme.